

## IDENTIDADE E ROLEZINHO EM CLAUDE LEVI-STRAUSS

ROHRER, Francisco, Wanderlei<sup>1</sup>

**Resumo:** O texto tem por objetivo discutir a identidade do rolezinho. É analisado, principalmente, sob a ótica das ideias do antropólogo Lévi-Strauss. O fenômeno do rolezinho ganhou repercussão em dezembro de 2013 e gerou polêmica tanto nos meios de comunicação, quanto nas discussões cotidianas e na Academia. O rolezinho, que já acontecia na periferia há vários anos, com a força da popularização crescente das redes sociais auferiu uma dimensão geométrica. A problemática destas ideias contraditórias é a busca do entendimento sobre o que estes jovens da periferia reunidos pretendem comunicar com seus comportamentos cuja presença gerou tanto incômodo nos shopping centers, local consagrado para o consumismo.

**Palavras Chaves:** Identidade, diferenças de classes, capitalismo, Lévi-Strauss.

**Abstract:** The text aims to discuss the identity of rolezinho and is analyzed mainly from the perspective of the ideas of Levi-Strauss anthropologist. The rolezinho the phenomenon gained repercussion in December 2013 and was controversial both in the media, as in daily discussions and the Academy. These rolezinhos, which has already happened in the periphery for several years, with the strength of the growing popularity of social networks have gained a geometric dimension. The issue of these contradictory ideas is the pursuit of understanding of what these young people the gathered periphery wish to communicate with their behavior whose presence generated so much bother in shopping malls, site devoted to consumerism.

**Key Words:** Identity, class differences, capitalism, Levi-Strauss.

Na tarde do sábado de 07 de dezembro de 2013, uma jovem paulistana, após participar do lançamento de um livro infantil numa Faculdade particular, levou o filho para lanchar no Shopping Center do bairro de Itaquera na cidade de São Paulo. Perto da noite, postaria no Facebook que, embora a alegria da tarde, viveria um por de sol de horror; centenas de jovens da classe popular invadiram o local público circulando de um canto ao outro assustando a todos pela incerteza dos reais motivos de suas presenças, já que, certamente, não estavam ali para o consumo.

Não demorou muito para que uma multidão de amigos replicasse sua indignação na

<sup>1</sup> Mestre em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica – PUC/ SP e doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais PUC/SP. Graduado em Direito, Psicologia e Pós graduação em Ciências Policiais de Segurança e Ordem Pública pela Academia de Polícia Militar do Barro Branco. Diretor Geral da Faculdade Metropolitana de Caieiras. Tenente Coronel da Reserva da Polícia Militar de Estado de São Paulo. Email [rohrer@uol.com.br](mailto:rohrer@uol.com.br)

mesma rede social. Nos dias subsequentes, o fato se tornaria corriqueiro em outros bairros da capital de São Paulo e logo se espalharia por todo o país. Repetia-se a repercussão que tivera meses antes as manifestações de milhares de pessoas que saíram às ruas do Brasil inteiro lançando eco nos noticiários do mundo todo como ocorreria novamente em 15 de março e 12 de abril de 2015, com a mobilização nacional contra, dentre outros temas, a corrupção.

Calcado em reflexões, principalmente, nas ideias de Claude Lévi-Strauss, pretende-se discutir o fenômeno deste ajuntamento repentino de jovens nos shoppings centers que ganhou o nome de “Rolezinho”.

A expressão rolezinho traz em seu bojo a adesão de jovens, em sua maioria adolescentes de classe econômica baixa, cujos encontros são marcados em redes sociais com o único objetivo aparente de se divertirem. Esses rolezinhos que já aconteciam na periferia há vários anos, com a força da popularização crescente das redes sociais ganharam uma dimensão geométrica.

O debate sobre sua existência gerou polêmicas e divergentes opiniões. Alguns aludiram o fato deste ajuntamento desordenado a uma juventude alienada, desinteressada e marginal. Outros interpretaram este fenômeno social como um “apartheid” na qual emergem questões de raça e de cor suscitando um manifesto contra a sociedade de consumo e a segregação social.

A problemática destas ideias contraditórias é a busca do entendimento sobre o que esses jovens da periferia reunidos pretendem comunicar com seus comportamentos cuja presença gerou tanto incômodo nos “shoppings centers”, local consagrado para o consumismo, frequentado principalmente, pelo que nos estudos da estratificação social se convencionou chamar de classe média.

Ao assistir na TV as imagens de crianças correndo em desespero com medos desconhecidos diante de tantos jovens circulando juntos em gritaria, denota-se uma estética do pavor.

Invoca Os Lusíadas na qual Camões declama em seu primeiro canto, após vencer as ciladas: “No mar tanta tormenta e dano, tantas vezes a morte apercebida! Na Terra tanta guerra e tanto engano, tanta necessidade aborrecida” (ZILLER, 1923, p. 14).

Supõe-se que estas tormentas e danos aludidos por Camões no mar da juventude do rolezinho se dão a partir da sensação de desesperança e desilusão com seu tempo.

A percepção do engano provocado pela guerra do consumismo e do aborrecimento das necessidades construídas pelo capitalismo inspira a ideia de matrilinearidade, sistema social cuja partilha das responsabilidades sociais é conferida exclusivamente à mulher que goza de modo especial dos direitos sociais, econômicos, políticos e espirituais. Ou seja, supõe-se um papel de pai ausente.

Nesse modelo de estrutura matrilinear, *a* descendência é considerada em linha materna e *somente a ascendência maternal é considerada*; não há reconhecido o papel do pai na procriação. O lugar do pai ausente é um vazio. Daí o filho se aproximar cada vez mais da mãe.

É oportuno, mencionar o conhecido complexo de Édipo, que para Freud faz o menino se fixar afetivamente em sua mãe de forma passional (FREUD, 1974, p. 63). Essa relação é acompanhada de sentimentos de hostilidade e ciúme em relação ao pai. Édipo era herói grego que, sem saber, matou o pai ausente e se casou com a própria mãe.

Simbolicamente, este “pai ausente” no rolezinho é o Estado por intermédio do rigor de suas leis. O lugar da lei para o indivíduo do rolezinho, conforme Roudinesco, citando Malinowski: “é ocupado pelo tio materno em direção ao qual se dirige a rivalidade da criança” (ROUDINESCO, 1999, p. 173). O princípio do papel do tio materno constitui a base positiva de uma Teoria dos Sistemas de Parentesco. Nela, o tio materno representa a autoridade familiar; é temido e possui direito sobre o sobrinho. (LÉVI-STRAUSS, 2012, p. 71).

Diante da austera autoridade tradicional do pai, o tio materno passa a ser tratado com liberdades pelo sobrinho. No caso do rolezinho, os jovens desprezam a suposta lei e a classe econômica superior à sua classe baixa da periferia. Buscam a liberdade de seus próprios caminhos e conclamam outros jovens a seguirem seus passos ainda que conflituosos.

A importância do tio materno abarca vários costumes, hoje desaparecidos que teriam de ser invocados para compreender a existência de uma instituição geral que associa relações sociais definidas e contenciosas.

A troca simbólica no fenômeno do rolezinho sugere uma contenda no qual o receio da classe média se dá por meio da ilusão do poder e da tensão da desigualdade vivida no “shopping center” que, em verdade, é um pai presente que busca mecanismos que propiciem segurança e aconchego aos que lá se dirigem pelos mais diversos motivos, diferentemente do “pai ausente” Estado.

No rolezinho, a estrutura elementar do parentesco funciona como uma crise fatal em que os indivíduos são irmãos, o Estado é a mãe e a economia o pai. No momento em esta relação se rompe vai contra o átomo de parentesco resultando no surgimento do mito do assassinato de Édipo (LÉVI-STRAUSS, 2012, p. 81).

Da ideia de que toda atividade humana é política, os rolezinhos em certa medida se materializam em um modo de interferir na ordem constituída em virtude da ausência de diálogo. O jovem envolvido com os rolezinhos não está em busca de motim; quer ter o direito de circular onde deseja; quer ocupar um espaço proposto pela resolução universal contemporânea da própria sociedade brasileira, qual seja o consumo. O shopping funciona como um totem moderno.

Para Freud, que Lévi-Strauss tanto apreciava, o totem, via de regra, é um animal inofensivo ou perigoso, todavia temido; mantém relação com todo o clã e seus integrantes têm obrigação sagrada de preservar seu totem, sendo-lhe vedado destruí-lo ou tirar proveito dele de qualquer maneira.

Ao "invadir" o shopping, o jovem do rolezinho não só está tirando proveito, como destruindo este totem. Esta transgressão ao proibido necessita ser punida. Chama-se então a polícia para preservar a ordem totêmica. Faz valer "a projeção da hostilidade inconsciente sobre os demônios" (FREUD, 1974, p. 85). O medo dos demônios é a essência do tabu que discutiremos mais à frente (FREUD, 1974, p.73).

Todo conceito de Demônio deriva da relação dos vivos com os mortos. Os mortos no caso do rolezinho são as relações de consumo. As relações de Troca estão mortas. O que está vivo é o poder pelo dinheiro. Quem não o possui está à margem, e, portanto fora da possibilidade de frequentar o mesmo local do indivíduo abastado.

Demonizando o jovem do rolezinho surge um conflito emocional no propósito de defesa da quebra de um tabu. O tabu é uma instituição social, uma criação cultural que se expressa principalmente em proibições. (FREUD, 1974, p. 87). A proibição do incesto é uma vingança coletiva.

Lévi-Strauss esboça que onde se manifesta uma regra, estamos diante de uma etapa da cultura (...) tudo que está ligado a uma norma pertence à cultura. (LÉVI-STRAUSS, 2009, p. 47). O autor cita como exemplo a proibição do incesto na qual não há necessidade de se demonstrar que ela constitui uma regra. A proibição do casamento entre parentes próximos é variável conforme cada grupo defina o que entende para parente próximo. A sanção da

penalidade também é variável indo da execução dos culpados, reprovação difusa à zombaria em qualquer grupo social. Embora proibido pela lei e costumes, o incesto existe e é muito frequente do que se levaria a supor a convenção coletiva do silêncio (LÉVI-STRAUSS, 2009, p. 47). Para o autor, a sociedade só proíbe aquilo que suscita.

Para Freud "não faz sentido pedir a selvagens que nos digam o motivo real de suas proibições... Não podem responder visto que o verdadeiro motivo deve ser inconsciente" (FREUD, 1974, p.45). Ao se proibir o jovem pobre da periferia de se reunir num espaço da classe média, o mecanismo é praticamente o mesmo; constitui-se em um tabu cujos motivos inconscientes denotam que aquele jovem é proibido de ali estar, mormente em bando.

Por outro lado, por parte do jovem integrante do rolezinho, na posse do poder da mobilização, tem atitude ambivalente em relação ao tabu. Em seu inconsciente, não existe nada mais que gostasse de fazer que violar a coisa proibida. E o desejo suplanta o medo da repressão.

No rolezinho, o jovem identifica o shopping como um dos vícios vitais do capitalismo que por intermédio da propaganda inventa necessidades a fim de estimular o consumo descomedido e sem crítica. Lévi Strauss em seu Mito e Significado, ao comentar sua obra O Pensamento Selvagem diz que os povos dominados exclusivamente pela necessidade de não morrer de fome em condições materiais adversas seriam movidos para a necessidade de compreender o mundo que os envolvem, assim como a natureza e a sociedade em que vivem. “Para atingirem este objetivo agem por meios intelectuais, exatamente como faz um filósofo ou até um cientista” (LÉVI-STRAUSS, 1976, p. 19).

Reservar aos jovens que aderem ao rolezinho condição de simples expectadores de seu tempo é uma falácia. Seria reduzi-los, como os povos primitivos a que Lévi Strauss se refere a mero trabalhador que labuta para sua subsistência, destituindo-o de qualquer capacidade crítica.

Pelo contrário, os jovens deste movimento percebem um esgotamento do cenário que se lhe apresenta a contemporaneidade de suas cidades, de seus estados e de seu país. Estão fartos de testemunhar os impactos sem precedentes causados por ladrões de sonhos, que trabalham em função de partidos do poder, ao invés do ideal da luta pelo engrandecimento de um futuro digno para a nação.

Analisado deste modo amplo constata-se que estes jovens do rolezinho não são alienados e desinteressados. Pelo contrário, contemplam com indignação contida o fervilhar

de notícias como as dos mensaleiros, da corrupção e do roubo de bilhões de empresas tão caras como a Petrobras. Assim como os povos primitivos referidos por Lévi Strauss, estes jovens são movidos pelo desejo de compreender o Universo em que vivem, e o fazem à sua maneira.

Enxergam que inconscientemente, a ruína dos discursos mentirosos e contraditórios mascara as doações de bolsas governamentais colonizadoras às pessoas das classes pobres, com o firme propósito de reforçar o poder do voto e destituir o senso crítico das pessoas. Com a oferta destas facilidades sem contra-partida, ao invés de gerar progresso, amplia a diferença, propicia a obliteração da produção e mantém o status quo partidário e perigosamente ditatorial. Percebem então a relação de capital como um arrombamento ao sistema vigente no qual ao menos favorecido cabe o morro, a favela e os pancadões como são chamados os bailes da periferia.

O participante do rolezinho rompe com esta premissa; demonstra capacidade impar de organizar, mobilizar e invadir as praias dos shoppings privativas à classe média. Com isso, o jovem do rolezinho se apropria dos espaços símbolos hegemônicos instituídos em emblemas de poder representados pelas marcas.

Como marca identitária, ao buscar a homogeneidade, o fenômeno do rolezinho reforça a diferença. Segundo Lévi Strauss, quanto mais homogênea se tornar uma civilização, tanto mais visíveis se tornarão as linhas internas de reparação (LÉVI-STRAUSS, 1976, p. 23). Para o autor, o progresso só se verificou a partir das diferenças (LÉVI-STRAUSS, 1976, p. 22).

Na evidência da diferença, o jovem da classe média e, principalmente, o da classe alta, ao perceber o jovem da periferia adotando as mesmas marcas que ele veste não se reconhece no Outro e sente-se perturbado por isso. Não nota, contudo que o rolezinho é fruto da violência sistêmica na qual vigora a negação dos direitos e garantias elementares. A violência produzida na recusa do Outro, acrescida à repressão da polícia, sobressalta, amedronta e revigora as diferenças. Para Lévi-Strauss:

A simples proclamação da igualdade natural entre todos os homens e de fraternidade que os deve unir, sem distinção de raças ou de culturas, tem qualquer coisa de enganador para o espírito, porque negligencia uma diversidade de fato, que se impõe à observação e em relação da qual não basta dizer que não vai ao fundo do problema para que sejamos teórica e praticamente autorizados a atuar como se este não existisse. (LÉVI-STRAUSS, 1976, p 42).

Quando os jovens da classe média e os da classe alta se juntam a outros jovens destas

mesmas classes para passearem no shopping, ainda que nada consumam, o episódio é meramente natural. Esta naturalidade ganha contornos distintos quando este passeio é vivenciado pelo jovem do morro ou da periferia. O fenômeno passa a ser um sinal de perigo.

Como resposta à intolerância, estes jovens adolescentes da classe baixa se apropriam das coisas e dos espaços que a sociedade lhes nega cotidianamente. Passam a ostentar o néctar de se vestirem bem e circularem pelo shopping para serem vistos junto aos seus pares. Neste fascínio dos símbolos globais entre os mais fracos, a liberdade para estes adolescentes nunca é integral, nem mesmo na amplitude do anonimato.

É pertinente enveredar a discussão sobre a adolescência. Expressamos neste estudo exatamente o jovem adolescente. Em todas as raças, e classes sociais a adolescência arde com incríveis modificações hormonais. As múltiplas mudanças pela quais seu organismo, ainda vive soma-se às transformações vividas por nós todos em termos político, econômico e social.

No conflito existencial do adolescente, há uma perda do mundo infantil na qual ele não quer restabelecer sua infância e, ao mesmo tempo sofre por perdê-la. Perde os pais idealizados que não lhe são mais heróis. Identifica-se mais com o grupo do que com a família. Na busca pela liberdade da proteção materna, ocorre uma rebelião contra a autoridade unindo-se às más companhias.

Nas incertezas quanto ao sentido global da vida e dúvida quanto ao destino como a profissão, universidade, namoro e amigos, impõem-se uma nova moral com início da rebeldia e das transgressões. Na captação do ritmo alucinante e frenético de seu tempo, o convite pela rede social para participar do rolezinho vem justamente ao encontro de seus anseios imediatos. E ele adere prontamente na construção e reflexão de uma nova cultura. Cultura esta que, segundo Lévi-Strauss não pode ser considerada nem justaposta nem superposta à vida. Substitui-se à vida, utilizando-a e a transformando-a para criar síntese de uma nova ordem. (LÉVI-STRAUSS, 2009,p. 42).

No espírito inquieto da juventude, o comportamento anti-social explode numa perspectiva de experimentar sensações novas e desconhecidas com outros membros de sua faixa etária. Neste sentido, numa visão crítica e contraposta, no rolezinho, o indivíduo se torna "selvagem" quebrando e destruindo o patrimônio público (demonstrando revolta com o governo) e privado (revolta com o capitalismo). Sobre este tópico, são interessantes as

considerações de Lévi-Strauss:

A atitude mais antiga e que repousa, sem dúvida, sobre fundamentos psicológicos sólidos, pois que tende a reaparecer em cada um de nós quando somos colocados numa situação inesperada consiste em repudiar pura e simplesmente as formas culturais, morais, religiosas, sociais e estéticas mais afastadas daquelas com que nos identificamos (LÉVI-STRAUSS, 1976, p. 5).

Para este pensador esta postura põe em relevo o que chama de costumes de selvagem. Estes costumes provocam reações grosseiras que traduzem um calafrio e uma repulsa diante da presença de maneiras de viver, de crer ou de pensar que nos são estranhas (LÉVI-STRAUSS, 1976, p. 4).

Nos rolezinhos, estas reações envolvem discriminação racial e de classe; explicitam o ressentimento dos que não suportam a construção de uma sociedade com dignidade. Lévi-Strauss afirma que é um absurdo dizer que tudo numa sociedade funciona (LÉVI-STRAUSS, 2012, p. 34).

Ao comparar o rolezinho como selvagem há que se verificar que:

Cada civilização tende a superestimar a orientação objetiva de seu pensamento; é por isso que ela jamais está ausente. Quando cometemos o erro de ver o selvagem como exclusivamente governado por suas necessidades orgânicas ou econômicas, não percebemos que ele nos dirige a mesma censura e que, para ele, seu próprio desejo de conhecimento parece mais bem equilibrado que o nosso (LÉVI-STRAUSS, 2012, p. 17).

O grande desafio neste episódio social e de outros que cedo o sucederão, é enfrentar o racismo e sustentar a garantia de direitos e oportunidade para a juventude. Os elementos inconscientes da vida social no indivíduo que assente ao rolezinho são consagrados na análise da etnologia por conta de fenômenos sociais em função dos eventos nos quais eles se encarnam e do modo como os indivíduos pensaram e viveram. (LÉVI-STRAUSS, 2012, p. 34).

Com seus comportamentos, os jovens do rolezinho rompem com o "princípio de ordem no Universo" empregando o uso do código eletrônico como ato de rebeldia de resistência e o confronto à norma vigente. Os cientistas, embora suportem dúvida e fracasso, não toleram a desordem. (LÉVI-STRAUSS, 2012, p. 25).

Para Lévi-Strauss, essa exigência de ordem constitui a base do pensamento que denominamos primitivo pelo fato de constituir a base do pensamento. Ilustra com a fala de um pensador indígena, dizendo que cada coisa sagrada deve estar em seu lugar. Se assim não fosse, a ordem do universo seria destruída (LÉVI-STRAUSS, 2012, p. 26).

Por isso o desespero em se lidar com o rolezinho. Ainda que inconsciente, com suas atitudes, o simples invadir o território de outra classe social, desrespeita o aspecto sagrado do capitalismo. A oportunidade de consumo e de aumento do capital gera desordem e caos diante do desconhecido e de sua utilidade. Daí a máxima de que as espécies animais e vegetais não são conhecidas porque são úteis, elas são consideradas úteis ou interessantes porque são primeiro conhecidas (LÉVI-STRAUSS, 2012, p. 25).

Para fazer frente ao novo fenômeno totalmente desconhecido, que tanto prejuízo traz ao capital, empregam-se as mais preparadas polícias cujos membros demonstram claro despreparo para reprimir aos jovens do rolezinho. Afinal, como enfrentar inopinadamente a um evento inusitado, cujas respostas exigem ações que contemplem de modo satisfatório todas as partes envolvidas? O fato é que, tempo algum se viu na fala oficial a possibilidade de um "bricoleur", no qual os elementos são recolhidos ou conservados em função do princípio de que isso "sempre pode servir" (LÉVI-STRAUSS, 2012, p. 34). O homem da ciência sempre tem um projeto. O "bricoleur" recolhe as coisas e sempre dá uma nova utilidade.

Para se conhecer o rolezinho e o significado que tem na realidade, o significante do ajuntamento de centenas de jovens da periferia, num local consagrado do capitalismo, ele precisa ser entendido. Antes da mera repressão pela "burra" repressão. Achemo-nos assim diante de um conflito de opiniões. Não existem quaisquer quebras de normas. Para o Direito Constitucional de ir, vir e ficar.

Há que se empregar o "bricoleur" e lhe dar uma re-destinação. É necessário pensar numa reorganização e se criar opções para essa verdadeira resistência do interlocutor do rolezinho, analisando-lhe a mensagem para re-arranjá-la e se ajustar às suas transformações em conformidade com a realidade solidária para amenizar o confronto em busca do encontro de equilíbrio. Este desiderato só seria atingido mediante o amplo, aberto e irrestrito diálogo despido de preconceitos e paradigmas pré-estabelecidos. Sua ausência fez recrudescer o embate.

A direção de seis shoppings paulistanos, sem busca de diálogo, teve o respaldo de decisão judicial para fazer a triagem de clientes. A repressão policial aos participantes contribuiu para ganhar repercussão. Os eventos iniciados naquele dia 7 de dezembro de 2013 continuaram a ser promovidos por todo o país, como forma de protesto contra o preconceito e segregação social.

No dia 11 de janeiro de 2014, ao organizarem mais um encontro no Shopping Metrô

Itaquera, na zona leste de São Paulo, os jovens encontraram as portas fechadas e guardadas por seguranças particulares, policiais militares e um oficial de justiça, que notificou alguns adolescentes e os intimou a deporem.

O fato gerou perturbações e perplexidades de todos os lados. Tanto os visitantes dos shoppings, não habituados a esse público e os lojistas que fecham suas portas, quanto aos jovens que são castrados em seus direitos de ir e vir. Perturbação maior paira diante da incapacidade de viver o espaço público, que é, por essência, o espaço de encontro com o outro, pois embora o shopping seja um espaço privado, guardadas as devidas proporções, é um espaço compartilhado similar a uma praça pública.

Os jovens dos rolezinhos pertencem à chamada “geração shopping center”, consumista. Mas ao se juntarem não se comportam como consumidores. Produzem uma cultura que se contradiz com essa Meca de consumo em contradição e desordem ao sistema na qual vem por terra a ilusão da possibilidade de manipular os desejos, criar necessidades que conduzem à ascensão social e à igualdade de direitos por meio do uso da roupa de grife importada. No rolezinho, quebra-se a garantia de aceitação ou respeito pela sociedade.

A reunião de jovens de classe popular nos templos do consumo desagradou não pela ousadia e energia das algazarras próprias da adolescência; a mera presença naqueles locais ofendeu aos oponentes da iniciativa. Diante desta atitude, houve incentivo e repercussão. Os rolezinhos se organizaram ainda mais não para apenas consumir, buscaram reconhecimento e acolhida por lazer. O que era para ser um passeio em grupo, converteu-se numa grande confusão, com notas de vandalismo e perturbações da ordem pública.

O problema de restringir o acesso é estigmatizar os grupos, pois os vetos servem para selecionar o público dos shoppings estigmatizando jovens pobres.

A Justiça emitiu entendimento da obrigação do shopping prover a segurança de todos os frequentadores de suas dependências. O fato de o local ser propriedade privada, ainda que aberta ao público e não possuir capacidade física e estrutura para encontros públicos, não justifica a proibição do ingresso de grupos de jovens, mas autoriza que certas medidas sejam tomadas para proteger a segurança, a ordem pública e a propriedade.

É imprescindível o oferecimento de mais políticas públicas de lazer e de cultura nas periferias, contudo não se pode pensar nisso como solução plena. Com a segregação dos espaços urbanos, a cidade continuará dividida entre espaços para pobres e espaços para ricos. A questão é muito mais ampla.

Os shoppings se instituíram para esta juventude como um espaço de construção de identidade, entretanto uma identidade individualista robustecida na imagem de grifes, comercializadas por meio de um sistema de ideias de consumo. Daí, a máxima “consumo, logo existo”. Segundo Brandão:

As identidades são representações marcadas pelo confronto com o outro; por se ter de estar em contato, por ser obrigado a se opor, a dominar ou ser dominado, a se tornar mais ou menos livre, a poder ou não construir por conta própria o seu mundo de símbolos (BRANDÃO, 1986, p. 42).

Na peleja por sobrevivência, os símbolos de liberdade para os jovens do rolezinho, são preservados por meio da identidade de minoria, construída por oposição ao outro, diferente em maioria dominante. Opõem-se a esta diferença para reforçar sua própria característica identitária. Para Brandão:

A identidade pode ser considerada como uma categoria ideológica de atributos étnicos, ela é também uma categoria estratégica de articulação de relação entre sujeitos e grupos desiguais (BRANDÃO, 1986, p. 42).

Arrefeceu o formato do fenômeno denominado rolezinho, mas algumas questões ainda pairam e certamente se evidenciarão nos novos movimentos que, certamente, o substituirão. Há que se perguntar: o que esperam os jovens da atualidade? Seria apenas almejar a igualdade? Esperemos os próximos capítulos dos acontecimentos...

## Referências bibliográficas

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Identidade e Etnia: construção da pessoa e resistência cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu**. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Raça e História**. São Paulo: Col. Os Pensadores. Abril, 1976.

\_\_\_\_\_. **As Estruturas Elementares do Parentesco**. Petrópolis: Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_. **O Pensamento Selvagem**. 12 ed. Campinas: Papyrus, 2012.

\_\_\_\_\_. **Antropologia Estrutural**. São Paulo: Cosacnaify, 2012.

ROUDINESCO, Elisabeth. De perto e de longe: Claude Lévi-Strauss e a Psicanálise. **Critique**, jan-fev 1999, PP. 168-185. Trad: Marianela Zuleta. Complexus. Faculdade de Ciências Sociais, PUCSP.

ZILLER, Trentino. **Verdadeira Chave dos Lusíadas**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Baptista, 1923.